A questão do gênero na aquisição semântica
Uma abordagem via Teoria da Otimidade Conexionista

Joice Ines Bieger (BIC/FAPERGS - UFSM)

Giovana Ferreira Gonçalves Bonilha (UFSM)

Palavras chave: aquisição da linguagem; Teoria da Otimidade; semântica

Resumo

A aquisição da linguagem possui estudos focados em áreas como a fonologia, a morfologia, sintaxe, mas apenas um número restrito de trabalhos estuda a aquisição semântica. Este trabalho propõe estudar a questão da aquisição semântica, tendo em vista pressupostos da Teoria da Otimidade Conexionista (COT). Foram feitas duas coletas distintas, gravadas em áudio digital e filmadas com crianças de 4 anos e 6 anos – duas meninas e dois meninos. As crianças deveriam conceituar palavras-alvo na primeira coleta e, na segunda coleta, após o input recebido, elas deveriam conceituar novamente essas palavras. Esse input era uma história de contos de fadas, dramatizada com o auxílio de fantoches, que continha as palavras-alvo com subversão de sentido. Pretende-se, assim, estender a aplicabilidade da Teoria da Otimidade Conexionista (Bonilha, 2004) à análise da semântica discursiva, seguindo proposta de Vinhas (2007). O suporte teórico da COT à análise dos dados torna possível evidenciar, com o uso de um modelo formal de análise lingüística, o dinamicismo envolvido na construção do sentido de um item lexical. Verificou-se que as crianças, conforme o gênero e a idade, alteraram os "traços semânticos" - homogêneos e heterogêneos - em relação a algumas palavras, ou seja, as meninas acrescentaram mais traços aos conceitos das palavras-alvo, enquanto que os meninos os mantiveram assim como foram realizados na primeira coleta. Dessa forma, pôde-se perceber a rigidez do ranqueamento de restrições dos meninos em detrimento da maleabilidade apresentada pelas meninas no que se refere às restrições semânticas. A análise dos dados via Teoria da Otimidade Conexionista tornou possível evidenciar, com o uso de um modelo formal de análise lingüística, o dinamicismo envolvido na construção do sentido de um item lexical.

Introdução

Os trabalhos na área de aquisição semântica e Teoria da Otimidade (OT) começaram a ser desenvolvidos, inicialmente, unindo semântica formal e Teoria da Otimidade *Standard*. No Brasil, esses trabalhos se desenvolvem unindo Semântica Discursiva e Teoria da Otimidade Conexionista (COT), cita-se como exemplo o estudo de Vinhas (2007), que segue essa linha teórica. Dessa forma, os trabalhos desenvolvidos nessa área ainda são restritos, embora o tema esteja sendo abordado. Proponho-me aqui seguir a proposta de Vinhas (2007), que procura unir uma teoria formal de análise lingüística e um modelo discursivo.

O principal objetivo a ser alcançado é o de confirmar que modelos formais, baseando-se na Teoria da Otimidade Conexionista (COT), podem lidar com a exterioridade lingüística. Espera-se, ainda, constatar a constituição de diferentes itens lexicais, com o surgimento de novos traços semânticos, tendo por base situações de produções distintas.

Referencial Teórico

Segundo Vinhas (2007), a Análise de Discurso (AD) é uma disciplina não categorizável, pois ela possui, em sua vinculação teórica, um diálogo com outras áreas de estudo. Para ela, os discursos constituem os sujeitos. É também através da realidade que a linguagem se constitui e também nela e por ela que os sujeitos são constituídos.

Para o Conexionismo, "O discurso funciona através de complexas redes neuronais, atuando na constituição do sujeito na interação de fatores experenciais e biológicos". Sempre que o sujeito se referir ao conceito de uma palavra, as engramações, das quais ele se utiliza para remeter a ela, nunca serão as mesmas, pois o sujeito se utiliza de novas engramações para remeter a uma palavra já conhecida anteriormente. Tais preceitos conexionistas inspiram a COT, em que o ranqueamento probabilístico envolve restrições contextuais e de estrutura lingüística.

Para a autora, a linguagem é um processo neuronal e discursivo, e a realidade está entre o objeto discursivo e as informações conscientes. Dessa forma, o sujeito une linguagem e realidade e se torna um sujeito neuronal e ideológico. O sujeito é considerado neuronal, pois as diferentes engramações do sujeito acarretarão em diferentes sentidos, já que o conceito de uma palavra nunca será exatamente o mesmo em diferentes momentos.

É dessa forma, portanto, que é possível unir uma teoria formal de análise lingüística – COT – e um modelo discursivo – Semântica Discursiva –, pois os dois modelos defendem que o sentido que um sujeito mobiliza para um determinado item lexical nunca será o mesmo e dependerá sempre das condições de produção e do contexto em que o indivíduo está inserido.

Segundo preceitos utilizados por Blutner (2000), há duas vias que compõe a significação de uma palavra, a via da produção e a via da interpretação. Para o autor, o sujeito utiliza o seguinte esquema, que é central para a aplicação da COT às análises semânticas e para construir a significação de uma palavra: ´(F´, M) > (F, M)´ - para um dado significado, F' é mais harmônico do que F; ´(F, M´) > (F, M)´ - para uma dada forma, M´ é mais harmônico do que M. Dessa forma, a atribuição de sentido está, pois, mapeada no ordenamento de restrições, na produção e na compreensão.

Metodologia

Para este trabalho, foram selecionados os dados de quatro crianças, um menino e uma menina de 4 anos – V. e M.C.– e um menino e uma menina de 6 anos – H. e G. As crianças tiveram o consentimento informado assinado por seus responsáveis para a participação na pesquisa.

As coletas foram feitas em duas sessões distintas com cada criança. Os dados foram gravados em um gravador de voz digital e em uma filmadora analógica. Os dados da filmadora foram digitalizados. As coletas foram transcritas conforme os padrões propostos por Marcuschi (2003).

Na primeira coleta realizada, a criança deveria conceituar as palavras-alvo da pesquisa com o conhecimento de mundo que já possuía. As palavras consistiam em alguns substantivos concretos e adjetivos abstratos, como, por exemplo, *bruxa, príncipe, princesa, feliz, triste* e *brabo*. Essas palavras eram reconhecidas através de figuras que traziam uma imagem, no caso dos substantivos, e uma expressão, no caso dos adjetivos. Foram feitas perguntas direcionadas aos conceitos, como, por exemplo, *o que é isso?* ou *o que ele faz?*.

Na segunda coleta, o *input* que a criança recebeu foi o de uma história de contos de fada, adaptada do livro *Procurando Firme*, da escritora Ruth Rocha, que continha as palavras-alvo da pesquisa com subversão de sentido. Essa história foi contada com o auxílio de fantoches que tinham o objetivo de fixar a atenção da criança. Logo após a história, foi realizada uma nova conversa com a criança: ela deveria conceituar novamente as palavras-alvo, para isso foram utilizadas novamente as cartas com as figuras das palavras-alvo e foram feitas as perguntas direcionadas aos conceitos, *o que é?* e *o que ele faz?*. E, por fim, a criança contava a história.

Análise dos dados

A menina M.C., de quatro anos, evidencia, na primeira coleta, ao que se refere ao item lexical princesa, principalmente a característica *ser bonita.* Na segunda coleta, associa três aspectos centrais: *ser bonita, ser boa e corajosa. Ser bonita e ser boa* são aspectos que seriam esperados, tendo em vista a possível quantidade de input que a criança já tenha recebido ao conhecer estórias como a da Cinderela, por exemplo. Mas a característica de *corajosa* claramente surge devido ao input recebido na segunda coleta. Em momento algum da estória foi dito que a princesa é corajosa, mas as atitudes da personagem fazem com que tal aspecto

seja configurado. Em duas situações distintas de produção, com e sem o input da história, é possível observar a mudança na construção de sentido da palavra.

Quanto ao item lexical *bruxa*, M.C. expressa traços negativos, o que se modifica na segunda coleta, agora não são mais apenas aspectos ruins, mas qualidades, como *ser boa, corajosa, carinhosa.* Observa-se, no entanto, que o aspecto *ser ruim, ser má*, fortemente engramados por prováveis inputs recorrentes, permanecem, ainda que, agora, enfraquecidos pelo traço semântico *boa.*

Na primeira coleta, M.C. expressou poucos traços em relação ao item lexical *príncipe*, no entanto, o mesmo não se confirma após a segunda coleta. Assim como ocorreu com os itens lexicais *princesa e bruxa*, traços vinculados a características mais abstratas surgem, como *ser bom e corajoso.* É importante ressaltar que *ser corajoso* está claramente vinculado a engramações anteriores da criança, motivadas por inputs recorrentes de estórias clássicas de contos de fada, pois o príncipe da narrativa não era corajoso, pelo contrário, era medroso. A princípio, pode parecer que o input recebido através da estória não foi forte o suficiente – como no caso da bruxa – para alterar de forma significativa a representação acerca da *valentia dos príncipes*, no entanto, percebe-se claramente que a associação de coragem e valentia à figura do príncipe foi efetivamente alterada, pois, ao falar sobre o futuro do príncipe, a criança diz que *ele irá morar com a mãe*, não sozinho. Tal fato revela, pois, fragilidade e dependência.

V., o menino de quatro anos, expressa poucos traços acerca do item lexical *bruxa* e eles são continuamente negativos na primeira coleta – *má e morar no zoológico, que fica longe*. O que não se modifica na segunda coleta em que apenas são acrescentados alguns traços que se relacionam a traços materiais da *bruxa – ter vassoura, ter chapéu, ter mãos, ter bota, ter olhos amarelos e ter dentes*. Além disso, a criança afirma que a bruxa é *medrosa*, o que pode estar relacionado ao fato de haver um dragão na estória, dessa forma, o dragão seria mais forte que a bruxa e, portanto, ela seria medrosa.

Na primeira coleta, V. expressa traços tradicionais acerca do item lexical *príncipe – guri de espada, bonito, ele é bonito porque está azul e ele chuta* ; todos os traços vinculados às estórias clássicas de contos de fada. Na segunda coleta, apenas são acrescentados alguns traços que se relacionam tanto ao físico quanto ao psicológico do príncipe – *guri super-herói, tem roupa azul, tem espada, tem cabelo, tem essa boca, ele luta, é corajoso, é bom*; todos esses traços provêm de estórias de contos de fada clássicas. Inicialmente pode parecer que o *input* da estória não tenha sido forte o suficiente, mas a criança revela o traço *de que o*

príncipe mau mora no castelo – o que pode ter vindo do input que a criança recebeu na segunda coleta.

A criança não expressa nenhum conceito acerca do item lexical *princesa*. Ela apenas afirma que não sabe nada sobre a figura e sabe somente sobre as outras figuras. Na segunda coleta, V. expressa alguns traços semânticos acerca do item lexical que remetem às estórias de contos de fada clássicas – *ser boa, ter pássaro, flor e não gritar com os outros*. A criança também revela o traço lexical *corajosa*, em nenhum momento no *input* recebido pela criança é revelado que a princesa é corajosa, são as atitudes dela que revelam tal traço, portanto, este traço possivelmente tenha vindo da estória contada com subversão de sentido.

O menino H., de seis anos, expressa vários traços semânticos que constituem o item lexical *bruxa*, como *ser má, ter vassoura, ter chapéu, ter nariz grande, morar em caverna, ser braba, ser inimiga da princesa, ser forte, ser assustadora, ter poder.* A *maldade* é, portanto, a característica predominante da bruxa, tanto na primeira, quanto na segunda coleta.

A ausência de mudanças na constituição do conceito de *princesa* também pode ser constatada ao analisarmos as falas da primeira e da segunda coleta. Para H., traços semânticos como *ter vestido, ser loira, morar em castelo, ter um príncipe* é o que constitui o item lexical *princesa.* Predominam aspectos relacionados à materialidade, ainda que, assim como ocorreu nos dados de M.C., a 2ª coleta *expresse* mais traços vinculados a características abstratas, como *gostar das pessoas e ser chata.* Tal característica é apontada pela quebra de expectativa em relação ao comportamento convencional de uma princesa – e, portanto, aquele fortemente engramado -, que seria aceitar passivamente qualquer príncipe. Nota-se que há um forte papel exercido por questões de gênero neste trecho.

O conceito de *príncipe* é expresso, por H., pela manifestação de vários traços semânticos, como *ter espada, ter cavalo, ter cabelo amarelo, ser forte, ser brabo.* O traço recorrente é a *valentia* – espada, brabo, não ficar triste, ter cavalo – e tal traço não apresenta qualquer mudança na segunda coleta. Apesar de a estória contada apresentar um príncipe covarde e medroso, a robustez do traço *valentia* é tal para H. que o sujeito continua o percebendo como corajoso, como pode ser constatado no uso das palavras *espada, luta, corajoso, não tem medo de nada.*

A menina G, de seis anos, evidencia traços continuamente negativos na constituição do item lexical *bruxa*, que, em sua maioria, são ligados aos traços físicos – *tem vassoura, tem botas, tem nariz comprido, tem chapéu, dente e roupa feios*; outros traços são ligados ao caráter da bruxa – *pegar crianças e colocar no caldeirão, pois são seus ingredientes*. O traço *feliz* aparece na 1ª coleta, o que evidencia que o input que a criança recebeu em estórias de

contos de fada tradicionais não foi suficientemente engramado, embora na 2ª coleta ela não o reafirme. O input da estória não foi suficientemente forte, pois na 2ª coleta a criança forneceu apenas um traço – *mau* –, referindo-se a uma característica abstrata do item lexical *bruxa*.

G. evidencia, na primeira coleta, tanto traços físicos quanto abstratos sobre o item lexical *príncipe*, ela o vê ao lado da princesa, o que claramente evidencia traços referentes ao input de estórias clássicas de contos de fada. Esses traços se mantêm na segunda coleta, destacando-se o traço *corajoso*. É importante ressaltar que *ser corajoso* está claramente vinculado a engramações anteriores da criança, motivadas por inputs recorrentes de estórias clássicas de contos de fada, pois o príncipe da narrativa não era corajoso, pelo contrário, era medroso. A princípio, pode parecer que o input recebido através da estória não foi forte o suficiente – como no caso da bruxa – para alterar de forma significativa a representação do item lexical *príncipe*, porém, a criança revela a fragilidade do príncipe ao afirmar que ele trai a princesa e por essa razão ele é mau.

G. expressa, na primeira coleta, traços continuamente positivos acera do item lexical *princesa*, ela é *boa, feliz, bonita, chique, gosta de dançar, de passear,* o que seria esperado devido às histórias de contos de fadas tradicionais evidenciarem esses traços suaves. Na segunda coleta, a criança reafirma os traços positivos da princesa, mas inclui o traço *corajosa*. Em duas situações distintas de produção, com e sem o input da história, é possível observar a mudança na constituição do item lexical.

Pode-se claramente observar a robustez que compõe a constituição do item lexical *bruxa* para G. e H. - as crianças com mais idade -, pois elas não evidenciam qualquer mudança acerca desse item lexical. H. claramente expressa mais traços em suas coletas e esses traços são continuamente ligados a características mais abstratas, o que se relaciona à idade do sujeito.

As meninas – M.C. e G. – possuem alguns traços que as aproximam em suas coletas, as duas expressam traços que revelam que a princesa é corajosa e também revelam traços em que o príncipe, em uma primeira análise, é corajoso, mas logo após elas revelam algum traço que expresse a fragilidade dele. Percebe-se que os dados das duas crianças revelam o forte papel exercido por questões de gênero nesses dados.

Conclusão

Ao compararmos a diferença na flexibilidade dos traços que constituem os conceitos das palavras *princesa*, *bruxa* e *príncipe* nos dados de M.C., V., H. e G., observamos que, quanto maior o número de traços associados a um item lexical, ou seja, quanto maior a rede

de engramação, mais difícil de novos traços, com sentidos que conduzem à outra direção, fazerem parte da constituição de um determinado conceito. Nesse sentido, a configuração prévia dos conceitos dos meninos – V. e H. - se demonstra bem mais resistente e estável do que a configuração prévia dos conceitos de M.C. e G. O ranqueamento probabilístico, presente na COT, possibilita que a emergência de um conjunto de traços semânticos para um determinado item lexical seja alterada dependendo de novos inputs, da robustez do ranqueamento e de diferentes condições de produção.

O paradigma conexionista possibilita explicar facilmente a emergência de novos traços semânticos pela própria emergência variável do conceito de uma palavra. As meninas – G. e M.C. – claramente evidenciam a mudança na constituição dos conceitos de uma coleta para outra.

Referências Bibliográficas

BLUTNER, R. *Some aspects of optimality in natural language interpretation.* Journal of Semantics 17, 189 – 216, 2000.

BONILHA, Giovana Ferrreira Gonçalves. *Aquisição fonológica do português: uma abordagem conexionista da Teoria da Otimidade.* Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUC RS, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *A análise da conversação*. São Paulo: Ática, 2005.

VINHAS, Luciana. *A questão da referência: uma interlocução (in)esperada.* Trabalho apresentado na no V Congresso Internacional da ABRALIN, Belo Horizonte, março, 2007.